

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 27, p. 1-12, jan.-dez. 2020 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.37504</p>	

MÍDIA E CULTURA

Política da narrativa sobre o corpo feminino em programa especializado em saúde¹

Narrative policy on the female body in a health TV program

Política narrativa sobre el cuerpo femenino en un programa de salud

Amanda Souza de

Miranda²

[0000-0001-5520-368X](tel:0000-0001-5520-368X)

amanda.souzademiranda@gmail.com

Gislene Silva³

[0000-0003-3350-9797](tel:0000-0003-3350-9797)

gislenedasilva@gmail.com

Recebido em: 31/3/2020.

Aprovado em: 3/11/2020.

Publicado em: 22/12/2020.

Resumo: Este trabalho discute a política da narrativa sobre o corpo feminino no programa *Bem Estar*, da Rede Globo, especializado na cobertura de saúde. Voltado para um público majoritariamente composto por mulheres, é caracterizado por seu formato híbrido e pelo gênero utilitário, produzindo sentidos sobre o corpo, a saúde e a doença. A mulher, como centro destas matérias jornalísticas, surge com um corpo vigiado, tanto do ponto de vista ético, como estético, na perspectiva foucaultiana acerca do saber-poder da medicina e suas implicações na biopolítica. A partir da análise de dez edições do programa e de incursão etnográfica na redação, problematizamos três narrativas sobre o corpo feminino: a primeira mirando-o como objeto da higienização; a segunda como corpo suscetível à doença e a terceira como corpo materno. Conclui-se que a política da narrativa jornalística sobre o corpo feminino favorece o predomínio do discurso da ciência em detrimento de saberes outros, além de situar a mulher como eixo preferencial do biopoder.

Palavras-chave: Narrativa jornalística. Mulher. Biopolítica.

Abstract: This paper discusses the narrative policy about the female body in Bem Estar, Rede Globo's Program, which specializes in health coverage. Aimed at an audience mainly composed of women, it is characterized by a hybrid format and utilitarian gender, producing meanings about the body, health and disease. As the center of these journalistic products, the women emerge with a body under ethics and aesthetic surveillance, in the Foucaultian approach on the power of medicine and its implications for biopolitics. This study analysis ten editions of the program and also does an ethnographic incursion to present three narratives about the female body: as an object of hygiene; as a body susceptible to disease and as a maternal body. It is concluded that the politics of journalistic narrative about the female body favors the predominance of science discourse over other knowledge, besides placing women as the preferred focus of biopower.

Keywords: Journalistic Narrative. Woman. Biopolitics.

Resumen: Este artículo discute la política narrativa sobre el cuerpo femenino en el Programa Bem Estar, de Rede Globo, que se especializa en cobertura de salud. Dirigido a una audiencia compuesta principalmente por mujeres, se caracteriza por su formato híbrido y el género utilitario, produciendo significados sobre el cuerpo, la salud y la enfermedad. La mujer, como centro de estos productos periodísticos, emerge con un cuerpo vigilado, tanto ética como estéticamente, desde la perspectiva foucaultiana sobre el poder de la medicina y sus implicaciones para la biopolítica. A partir del análisis de diez ediciones del programa y la incursión etnográfica, problematizamos tres narrativas sobre el cuerpo femenino: como un objeto de higiene; como cuerpo susceptible a enfermedades y como cuerpo materno. Se concluye que la política de la narrativa periodística sobre el cuerpo femenino favorece el predominio del discurso científico sobre otros



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Artigo apresentado originalmente, no formato de apresentação oral, no seminário Mídia e Narrativa, realizado em Belo Horizonte, em outubro de 2018.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil.

³ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

conocimientos, además de colocar a las mujeres como el eje preferido del biopoder.

Palabras clave: Narrativa periodística. Mujer. Biopolítica

Introdução

As histórias contadas nos e pelos jornais têm uma dupla característica, que sugere movimentos ambivalentes. Ao mesmo tempo em que são fruto de uma época e de seu contexto, situando-se em um solo cultural, também contribuem, por meio de suas representações e símbolos, com a construção desse solo. Os movimentos de afastamento e de tensão com que determinados grupos sociais rejeitam e reagem a essas representações promovem contranarrativas que também se espalham por esse mesmo solo, possibilitando a emergência de novos modos de se enunciar as histórias que constituem nosso repertório.

Este artigo tem o objetivo de identificar, no programa *Bem Estar*, da Rede Globo, como as narrativas sobre a mulher e sobre o corpo feminino se constroem e se apresentam à audiência. A ideia é descrever aspectos do processo de produção do programa matinal e analisar seu produto final, que circula junto a uma audiência majoritariamente feminina, no sentido de interrogar de que modo sua narrativa emerge e se existem mecanismos de contranarrativas assegurados em uma emissora de grande audiência na televisão aberta.

Na parte inicial, discutimos o conceito de gênero, relacionando-o aos estudos feministas e à sua apropriação pelos estudos sobre o jornalismo. Também aí abordamos o paradigma do reconhecimento como motor de produção de contranarrativas. No segundo tópico, a reflexão baseia-se no referencial foucaultiano de biopolítica e biopoder, sustentado pela compreensão de que o corpo feminino é eixo preferencial de seus sistemas de saber-poder. Por fim, apresentamos a análise do processo produtivo do *Bem Estar* e de dez dos seus episódios, por meio de duas

metodologias combinadas: a etnografia, inspirada pelos estudos de *newsmaking*, e a análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013).⁴

Jornalismo e gênero: reconhecimento e redistribuição

De acordo com Scott (1989, p. 19), o conceito de gênero "faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens". Em busca de reivindicar um lugar histórico e epistemológico para esse debate, a autora sugere uma conceituação em duas partes: a primeira o coloca como "elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos" e a segunda como "uma forma primeira de significar as relações de poder" (SCOTT, 1989, p. 21). Isto posto, torna-se inevitável pensar no gênero como uma categoria política, que constitui e é constituída por modelos de narrativa que evocam como objeto o corpo da mulher, sua saúde e sua doença.

As problematizações teóricas sobre gênero também vêm sendo incorporadas pelos estudos em jornalismo. Na pesquisa *Masculino, o gênero do Jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias* (VEIGA, 2010), a partir de uma experiência etnográfica de três meses em redação do Rio Grande do Sul, propõe uma reflexão sobre como a produção jornalística se assenta em características atribuídas à masculinidade. Tais características orientam a produção e inevitavelmente têm impacto também na construção narrativa, que, no geral, tendem a reproduzir padrões masculinos e de heteronormatividade. Ainda segundo a pesquisa, "as concepções de gênero estavam presentes na idealização das matérias, bem como permeavam as escolhas dos jornalistas que iriam realizá-las" (VEIGA, 2010, p. 199). Já nas conclusões, a autora diz, acerca da

⁴ A metodologia deste estudo foi baseada na triangulação dos dados oriundos de uma incursão na redação do *Bem Estar*, com acesso às reuniões de pauta, documentos, entrevistas e registros em diário de campo, e na análise da expressão (plano das palavras, mais visível), do enredo (eixo da história) e da metanarrativa (solo cultural de onde emergem as narrativas), categorias presentes em Motta (2013). Foram analisados 10 episódios do programa que se relacionavam de forma direta à experiência etnográfica. Neste artigo, trazemos somente os resultados pertinentes às discussões aqui propostas, sem detalhar categorias ou nuances da pesquisa que o originou.

sua imersão em uma redação jornalística:

os valores e concepções hegemônicos de gênero eram reproduzidos nas matérias e resultavam na representação da heteronormatividade como padrão social de desigualdade que estava a orientar. Entre os interlocutores da pesquisa, não apenas o masculino, mas também os valores classe média e geração (meia idade), brancos, heterossexuais, entre outros, estavam mais valorizados, tanto nos atributos pessoais e profissionais, como nas características das notícias (VEIGA, 2010, p. 199).

Tal problemática sugere uma inegável participação de estruturas machistas nos modos de se fazer jornalismo nos veículos de comunicação. Se as narrativas são representativas de um solo cultural e esse solo cultural privilegia um tipo de história,⁵ o jornalismo tende a encharcar-se de suas mesmas bases, retroalimentando sentidos, representações, símbolos e mitos hegemônicos.

No estudo *Jornalismo feminista*, Costa (2018) traz uma perspectiva interna, de dentro dos sistemas de produção da notícia, mas voltando-se para um portal segmentado, de notícias feministas. A pesquisa questiona como as jornalistas acionam o conceito de objetividade, partindo do entendimento de que a divisão entre masculino e feminino está além dos corpos e diz respeito a relações de poder. O conceito de objetividade é tomado, então, como essencial para o afastamento das mulheres da ciência em sua concepção positivista. De acordo com a pesquisadora, "os conceitos de sujeito, mente, razão, objetividade e cultura [...] são identificados como masculinos. Já os conceitos de objeto, corpo, emoção, subjetividade e natureza fazem parte do que historicamente se compreendeu como feminino" (COSTA, 2018, p. 193).

Moraes e Silva (2019, p. 2) partem de abordagem semelhante, assegurando que ideais de racionalidade que firmam a objetividade como um pressuposto indispensável ao jornalismo contribuem para "a manutenção e opacificação

de ideologias como o machismo e o racismo". As autoras questionam o apagamento dos sujeitos e da subjetividade na prática profissional e sugerem, então, que a subjetividade "alavancada ao patamar de relevância na prática jornalística pode contribuir com a valoração e melhor compreensão dos elementos subjetivos potentes para uma melhor leitura da realidade e encontro com as alteridades" (MORAES; SILVA, 2019, p. 19).

Essa atenção sobre como a questão de gênero e os estudos feministas se imbricam nos processos de produção de notícias é importante para os objetivos deste estudo já que, em uma incursão etnográfica no *Bem Estar*,⁶ verificamos que, em 2015, as mulheres eram maioria na redação do programa, além de serem tomadas como principal público preferencial do matinal, conforme explicou a editora-chefe Patrícia Carvalho.⁷ As três principais gestoras eram mulheres, e a principal reunião de pauta tinha a presença de somente um homem, o então apresentador Fernando Rocha.

Tais dados se destacaram em estudos anteriores, mas não foram tratados exclusivamente a partir de uma perspectiva de gênero, considerando que esse não era o propósito da pesquisa que originou este desdobramento aqui apresentado. Apesar disso, no diário de campo em que se registraram os dados da observação *in loco* das rotinas produtivas do programa, apenas quatro homens foram mencionados: dois médicos que participaram do ao vivo, o apresentador Fernando Rocha e o repórter Alberto Gaspar. Das seis entrevistas, cinco foram realizadas com mulheres e um conjunto de dez foram citadas nominalmente nos registros de campo.

A predominância feminina na produção também pode ser explicada a partir da perspectiva lançada por Veiga (2010), que atribui às *soft news* características associadas ao "feminino", enquanto as *hard news* estariam relacionadas à masculi-

⁵ Em um TedTalk intitulado "Os riscos da história única", a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi traz à tona o debate sobre as políticas das narrativas hegemônicas, destacando que a história da humanidade é, quase sempre, aquela que foi contada pelas estruturas de poder.

⁶ O *Bem Estar* passou por reformulações em 2019 e deixou de ser um programa para se transformar em um quadro do *Encontro* com a Fátima Bernardes. Na época da execução da pesquisa, ele era exibido de segunda a sexta-feira, na grade matinal da Rede Globo, vinculado ao departamento de jornalismo da Rede Globo e apresentando-se como um programa com "informação útil sobre saúde", associado ao gênero utilitário.

⁷ As entrevistas foram realizadas nos dias 29 e 30 de setembro de 2015.

nidade. Embora o jornalismo especializado em saúde se aproxime do jornalismo científico e a ciência ainda seja predominantemente masculina, o *Bem Estar* pode ser associado às *soft news* justamente por ser um híbrido entre informação e entretenimento, reproduzindo cenários e ilustrações que demonstram uma ludicidade e aderindo ao melodrama em suas narrativas. Tais características permitem uma comparação com o *Jornal Nacional*, principal produto jornalístico da grade da *Rede Globo*. Liderado por um homem, já teve seu telespectador comparado a Homer Simpson,⁸ também um homem, personagem de animação. O programa costuma tratar de *hard news*, com pautas sobre política, economia e segurança, mas poucos elementos associados a produções jornalísticas mais leves.

Contudo, há poucas margens para pautas identitárias relacionadas a gênero, que aqui tomaremos sob o paradigma do *reconhecimento*, conceito que esboça um cenário de permanente disputa na busca por representatividade nos produtos culturais. Ainda que as mulheres sejam as principais produtoras do *Bem Estar* e também o principal nicho de audiência ao qual o programa se dirige, sua construção como narradoras ou personagem de narrativas sobre a saúde e sobre o corpo, revela-se pouco aberta à intervenção do fator gênero como elemento de reconhecimento.

A filósofa Nancy Fraser mapeia questões relacionadas à economia e à cultura, o que nos permite pensar sobre o reconhecimento nos produtos midiáticos. Na economia, particularmente, busca-se a redistribuição e, com isso, uma igualdade que dilua as diferenças de gênero. Na cultura, por outro lado, o movimento parece de oposição: reforçam-se as diferenças pela via identitária. Ou, como ela resume: "As feministas devem buscar remédios que dissolvam a diferenciação de gênero, enquanto buscam também remédios culturais que valorizem a especificidade de uma coletividade desprezada" (FRASER, 2006, p. 236).

Ora, em produtos populares, como o *Bem Estar*, o conflito também se revela permanente e

esse remédio não tem receita pronta: ao mesmo tempo em que as políticas da narrativa desenham um cenário cada vez mais aberto ao pluralismo identitário, a força econômica trava a roda, impedindo que ela gire na direção de uma reconfiguração nos modos de contar a saúde feminina. Assim, temos produtos que buscam subversão pelas brechas, mas se acomodam no conforto dos discursos hegemônicos. Voltaremos a essa questão mais adiante, no momento da análise dos episódios que selecionamos para discutir as políticas da narrativa sobre o corpo feminino em um programa jornalístico, pois consideramos que o afastamento das pautas identitárias e, por conseguinte, o não reconhecimento no que se refere a questões de gênero, sinalizam que os valores masculinos se apresentam de forma predominante no *Bem Estar*, ainda que sua redação e seu público sejam femininos.

Sob o ponto de vista de Fraser (2007, p. 102), trata-se de um fenômeno atual, já que os discursos por redistribuição – atrelados ao viés econômico e, em nosso entendimento associado ao feminismo liberal – contribuem com o aumento da pluralidade e do número de mulheres em altos postos nas redações jornalísticas, mas, ao mesmo tempo, não modificam a estrutura das narrativas hegemônicas.

Dentro de movimentos sociais como o feminismo, por exemplo, tendências ativistas que encaram a redistribuição como um remédio para a dominação masculina estão cada vez mais dissociadas das tendências que olham para o reconhecimento da diferença de gênero. E o mesmo parece ser verdade na esfera intelectual. Na academia, para continuar com o feminismo, acadêmica(o)s que entendem gênero como uma relação social mantêm uma difícil coexistência com aquela(s) que o constroem como uma identidade ou um código cultural. Essa situação exemplifica um fenômeno mais amplo: a difundida separação entre a política cultural e a política social, a política da diferença e a política da igualdade (FRASER, 2007, p. 102).

Deste modo, questionar as políticas da narrativa sobre o corpo feminino em um programa predominantemente produzido por mulheres

⁸ Ver mais em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral/homer-simpson-o-brasileiro-medio-segundo-bonner.20051206p5280>. Acesso em: 5 dez. 2020.

é, também, um modo de observar o fenômeno explicado por Fraser e mesmo questionar até que ponto os discursos de empoderamento e feminismo atingem textos populares de modo a romper com estruturas tradicionalmente machistas.

Vigilância e poder sobre o corpo nas narrativas do jornalismo especializado em saúde

Tal como expôs Costa (2018), consideramos que a Ciência, no geral, engloba valores associados à masculinidade, tendo herdado do positivismo sua propensão à objetividade e à racionalidade como única forma de construção do saber. O jornalismo do *Bem Estar* é tributário da Ciência, pois utiliza a medicina baseada em evidência como fonte exclusiva de suas pautas,⁹ o que permite sua associação à rede de saber-poder nomeada por Michel Foucault de saber-médico. É a partir do referencial foucaultiano que mapeamos as políticas da narrativa sobre o corpo feminino no *Bem Estar*. Isso porque os discursos de saúde e de doença que se reproduzem no matinal obedecem à lógica da medicina como única forma autorizada para o cuidado de si.¹⁰ Tal lógica associa-se também às questões relacionadas ao biopoder, à biopolítica e à governamentalidade.

Esses três conceitos estão entrelaçados no pensamento de Foucault a partir do entendimento de que o saber poder que parte da medicina é responsável pelo exercício da vigilância das populações e incide diretamente na gestão do corpo. A virada começa no século XVIII, com o surgimento da medicina clínica e com as descobertas da ciência que prometiam vida mais longa e menos dolorida. A medicina institucionalizada se transforma, assim, em um sistema de saber poder em defesa de um corpo produtivo.

Estes movimentos de vigilância e controle abastecem uma rede de saber e de poder, originando uma sociedade medicalizada, pronta

para ser tratada e curada, ainda que seus problemas não sejam necessariamente patológicos. A emergência de um regime de discurso amparado nessas questões, pode-se dizer, também tende a ser marcada por características do masculino, já que as lentas transformações da medicina clínica, associada ao positivismo e às lógicas da valorização da racionalidade, oferecem-se como um contraponto à mística e à tradição das mulheres, "bruxas" ou benzedeadas que se curavam e ofereciam a cura por meio da tradição.

Numa ciência como a medicina, por exemplo, até o fim do século XVIII, temos um certo tipo de discurso cujas lentas transformações – 25, 30 anos – romperam não somente com as proposições "verdadeiras" que até então puderam ser formuladas, mas, mais profundamente, com as maneiras de falar e de ver, com todo o conjunto das práticas que serviam de suporte à medicina. Não são simplesmente novas descobertas; é um novo "regime" no discurso e no saber, e isto ocorreu em poucos anos (FOUCAULT, 1979, p. 5).

No que se refere ao biopoder, Rabinow e Rose (2006, p. 29) explicitam o conceito tendo como base três elementos. O primeiro fala na existência de "um ou mais discursos de verdade sobre o caráter 'vital' dos seres humanos, e um conjunto de autoridades consideradas competentes para falar aquela verdade". O segundo reforça as "estratégias de intervenção sobre a existência coletiva em nome da vida e da morte". Por fim, indicam "modos de subjetivação, através dos quais os indivíduos são levados a atuar sobre si próprios, sob certas formas de autoridade, em relação a discursos de verdade" (RABINOW; ROSE, 2006, p. 29).

Isso nos traz novamente à discussão sobre o masculino e sua hegemonia na ciência e nos modos de produção das narrativas jornalísticas, já que, para se legitimarem, os sistemas de poder são sistematicamente orientados a imporem características associadas à masculinidade. O conjunto de vozes autorizadas a falar em nome da verdade será predominantemente masculino, assim como as estratégias de intervenção sobre a existência coletiva

⁹ Informação dada pela produtora executiva, em entrevista realizada em 29 de setembro de 2015.

¹⁰ Não estamos, com isso, nos referindo a discursos e saberes negacionistas, que rejeitam a ciência como fonte de conhecimento e da gestão do cuidado. As observações se referem particularmente ao enquadramento da narrativa como se apenas a ciência fosse fonte de saber, o que desprezaria saberes tradicionais, por exemplo.

também partirão daí. É nos modos de subjetivação, entretanto, que se abrem brechas para questões relacionadas à identidade e ao reconhecimento, tendo em conta que nem sempre os discursos de verdade, masculinos por excelência, serão assim assumidos pelas mulheres quando o assunto é o cuidado do próprio corpo e da saúde.

Ao mesmo tempo, o paradoxo indicado por Fraser, entre economia e cultura, sugere que, ainda que o lugar das mulheres como narradoras esteja garantido, suplantando uma estrutura hegemonicamente masculina envolve questões que muitas vezes não são imediatamente assimiladas nas rotinas e práticas de uma redação. Se no mercado de trabalho é cada vez mais comum a presença das mulheres nas redações jornalísticas, os discursos e as narrativas que produzem compartilham um solo cultural ainda patriarcalista e predominantemente masculino.

Aqui também é importante destacar a compreensão de Chauí ([2015]) sobre autoridade competente. Segundo a filósofa, trata-se de um "discurso do conhecimento", que mostra uma hierarquia organizacional e lugares hierárquicos "autorizados a falar e a transmitir ordens aos degraus inferiores". Essas falas tendem a assumir aspectos masculinos, daí a facilidade de serem acionadas como autoridade. No *Bem Estar*, do conjunto de oito consultores autorizados a falar em nome da medicina, somente duas são mulheres, de especialidades consideradas mais femininas: dermatologia, muito relacionada a cuidados estéticos, e pediatria, que remete à sensibilidade e à maternidade.

Ao mesmo tempo, na construção dessas narrativas existe um outro componente a ser observado, que dá margens a outro paradoxo. A pesquisadora australiana Deborah Lupton (2000) analisou como os discursos sobre saúde pública e promoção da saúde impactam nas "práticas do eu" – que seriam as incorporações e subjetivações das narrativas que circulam socialmente. Segundo ela, mulheres tendem a expressar maior preocupação acerca da saúde, boa forma e peso, enquanto os homens demonstram uma visão mais instrumental do próprio corpo. Ainda

afirma que "o corpo masculino é menos visível nas representações culturais", já que "uma maior atenção é dada às questões da saúde da mulher, mais do que à saúde dos homens e, na literatura sociológica, há mais escritos e críticas acerca do processo de corporificação feminino do que do masculino" (LUPTON, 2000, p. 26). Isso expressa, de algum modo, que a "preocupação acerca da saúde de alguém é frequentemente considerado 'não masculino'" (LUPTON, 2000, p. 27).

O conceito de governamentalidade também oferece uma reflexão sobre o sistema de poder e de vigilância da qual o corpo feminino é alvo preferencial. A ideia funda-se na compreensão de que a população precisa ser governada por dispositivos de segurança. Trata-se de uma tendência em que um poder governa sobre todos os outros reivindicando "soberania, disciplina e que, por uma parte, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [e, de outra parte], ao desenvolvimento de toda uma série de saberes" (FOUCAULT, 2004 apud CANDIOTTO, 2010, p. 39).

Deste modo, um regime potente de discursos sobre o corpo e ações estratégicas que emergem de uma rede de saber-poder tende a compor o cenário no qual a mulher se destaca como foco preferencial de vigilância. Desta rede também emergem as narrativas do jornalismo que, como veremos à frente, produzem representações e imagens do corpo feminino que se sedimentam neste mesmo sistema para retroalimentá-lo.

As narrativas sobre o corpo feminino em *Bem Estar*

A metodologia deste estudo trabalha com o cruzamento da análise crítica da narrativa jornalística e dos estudos de *newsmaking*, tendo em conta também uma perspectiva teórica dos estudos de gênero. Registros do diário de campo e materiais fornecidos pela produção do *Bem Estar* foram triangulados com a análise de 10 episódios do programa, relacionados diretamente à experiência etnográfica.

Os programas, que são temáticos, tratavam das pautas: doenças cardíacas (2011); óleos es-

senciais (2015); meditação (2015); raios (2015); megahair (2015); parto (2015); cirurgia bariátrica (2015); apneia (2015); alimentos milagrosos (2017); AVC (2017). Só são mencionados aqui aqueles que apresentam questões relacionadas ao gênero, mas é importante salientar que já nessa seleção é possível pensar criticamente sobre o porquê de a figura da mulher ser ocultada ou aparecer pouco em determinadas pautas, mesmo sendo ela o público-alvo do programa.

Isso ocorre, precisamente, em um programa sobre raios, em que a engenharia e a física são convocadas como conhecimento para explicarem os perigos da incidência dos raios nas tempestades, e no programa sobre apneia, que traz o homem como eixo das narrativas ao abordar a temática do ronco. Em episódios como óleos essenciais e meditação, cuja exibição acompanhamos diretamente do estúdio, também não há evidências sólidas sobre a representação da mulher e suas imagens na construção das narrativas sobre saúde.

As categorias surgem como esquemas mentais que nos permitem associar à representação da mulher no programa *Bem Estar* e as políticas das narrativas que originam essas representações a um olhar macro sobre as redes de saber, poder e seus espaços de resposta, aqui associados ao paradigma do reconhecimento. No primeiro grupo, tratamos da imagem da mulher em sua beleza e higiene, um aspecto que aponta para a medicalização e para a patologização de fenômenos que não necessitam de orientação médica. No segundo grupo, observamos a visão da mulher como corpo suscetível e frágil, propenso a doenças. Questões sobre o biopoder e a governamentalidade emergem como política na narrativa de um corpo que precisa ser controlado. Por fim, trazemos a discussão sobre espaços de contradiscurso com a representação do corpo materno a partir da projeção discursiva das mulheres da redação diante do seu direito de dizer.

A mulher bela e higiênica

Em *Nêmesis da medicina: a expropriação da saúde*, Ivan Illich descreve uma sociedade

obsessiva por cuidados médicos, cuja procura pela medicina como grande salvadora de seus problemas também pode ser associada a uma espécie de doença. Em seu manifesto, bastante crítico às instituições do campo da saúde, ele indica uma doença clínica, uma social e uma estrutural que envolvem perda de autonomia dos cidadãos (todos alçados à categoria de doentes ou pacientes), invasão da indústria farmacêutica e colonização pelo saber médico.

O homem, organismo fraco, mas provido do poder de recuperação, se torna mecanismo frágil submetido a constante reparação; daí a contradição que opõe a civilização médica dominante a cada uma das culturas tradicionais com a qual se vê em confronto logo que irrompe, em nome do progresso, nos campos ou nos países subdesenvolvidos (ILICH, 1975, p. 123).

Essa lógica de medicalização do social se apresenta na construção das narrativas sobre o corpo feminino no programa *Bem Estar*. Um dos episódios que analisamos tem como pauta a utilização do *megahair*, alongamento dos cabelos, e como o seu uso pode comprometer o couro cabeludo. No estúdio, além de três mulheres que usam o aplique, a médica dermatologista Marcia Purcelli e uma cabelereira debatem aspectos relacionados à beleza e à higiene.

Assumindo uma perspectiva de gênero, é importante destacar a reprodução de um estereótipo de mulher preocupada em se encaixar em determinado padrão de beleza para ser aceita socialmente. Os cabelos longos são características associadas à feminilidade, por isso, a recorrência ao *megahair* reforça esse padrão. Ainda que esse episódio do programa tente atrelar essa a uma questão de saúde, elaborando VTs que tratam de doenças do couro cabeludo, o feminino está associado à busca pelo belo.

Andrade (2003, p. 134) trata da temática da higienização dos corpos, estabelecendo o início da década de 1960 como um período em que "a higiene e o cuidado com as mãos, com unhas limpas e bem cortadas, com os cabelos perfumados e brilhantes e com as pernas depiladas eram sinônimo de saúde, beleza e sedução". Essas pautas tendem a ter a mulher como eixo central

de representações e, no caso do programa em análise, são elas as personagens protagonistas da narrativa, quase sempre associadas como quem busca a beleza como fonte de saúde.

Tais discussões também se tornam pertinentes quando analisamos a pauta do programa que traz um documento com sugestões da dermatologista Marcia Purcelli. Nesse documento, repassado pela produção do programa, a médica indica duas pautas associadas à estética e à beleza: uma sobre celulite e preenchimento corporal e uma sobre estrias pós-gestação. Ainda durante as observações, também acompanhamos uma discussão sobre a substituição de uma pauta acerca da musculatura da região dos glúteos, o foco também era o público feminino.

Apesar de atrair o público feminino pela lógica da "patologização da beleza" – que transforma cuidados estéticos e de higiene em questões a serem debatidas pelo saber médico – o programa também narra uma mulher que consegue conciliar a preocupação estética com a prevenção da doença. Uma das edições analisadas tem como pauta central a discussão sobre alimentos milagrosos. Uma das fontes do estúdio é uma nutricionista mulher, que apresenta os mitos e as verdades acerca da propriedade de determinados alimentos.

Logo no VT de abertura, uma mulher descreve o hábito de tomar *bullet coffe*, um tipo de café que promete a aceleração do metabolismo para auxiliar na perda de peso. Magra e em forma, ela compartilha sua adesão ao alimento para, na sequência, a nutricionista do estúdio alertar que não há provas que ele tenha efeito efetivo sobre o corpo. A intervenção do saber médico nos hábitos alimentares também é constante no programa, mas especialmente nesta edição a preocupação com a estética do corpo magro e em exercício se sobressai.

Por outro lado, e como contraponto, no programa sobre obesidade, a figura masculina aparece com mais destaque, mas sob uma abordagem diferente: aqui, a preocupação estética não é mencionada, mas sim a prevenção à saúde, o que nos leva a inferir que, nestas imagens e re-

presentações, a mulher é quem utiliza a saúde como forma para alavancar sua beleza, enquanto o homem não demonstra preocupações estéticas.

A construção da imagem da mulher bela e higiênica faz, portanto, parte das políticas da narrativa do *Bem Estar*. A preocupação com a estética e com os cuidados do corpo e com a beleza física surgem como discursos potentes, mas também intuitivos, dado o fenômeno de medicalização e suas zonas de formação discursiva. Embora o feminino não apareça representado como um universo de futilidade, formato no qual as revistas femininas por tanto tempo se apegaram, ele é incorporado na construção de dizeres sobre o corpo, sua beleza e sua saúde.

A mulher doente

A governamentalidade foucaultiana sugere que os governos não atuam só em âmbito do Estado, mas também das instituições que se dispõem a exercer diferentes formas de controle sobre os indivíduos e a coletividade. Na interpretação de Lupton:

[...] não são somente as atividades do Estado que contribuem para a regulação dos corpos por meio da governamentalidade, mas uma miríade de outras instituições e locais sociais: a mídia e a cultura das commodities, a família, a escola, o sistema judiciário. Todos estes, em alguma medida, fazem parte dos esforços de governamentalidade do Estado, mas também possuem rationales não associados ao Estado, que ocasionalmente, contradizem ou mesmo tentam opor-se às exigências deste. Assim, os discursos que competem na construção do sujeito são muito diversos e contraditórios para garantir um completo alinhamento aos imperativos da saúde pública (LUPTON, 2000, p. 22).

A partir dessas contradições, emergem narrativas sobre a mulher e as necessidades de cuidado da sua saúde, considerando seu papel gerador em um sistema capitalista, que precisa de força de trabalho. Se somarmos a essa uma abordagem de gênero, a vigilância incide também sobre o corpo feminino em função de suas características associadas à fragilidade, menosprezadas quando postas ao lado de um corpo masculino, sempre mais forte e viril.

Estas narrativas também são identificadas na

construção da imagem da mulher no programa *Bem Estar*. Em um programa sobre doenças cardíacas, por exemplo, três homens no estúdio e uma mulher discutem estratégias de prevenção a problemas do coração, que, estatisticamente, acometem mais as mulheres do que os homens.

O corpo feminino é, assim, apresentado como alvo de cuidado e tarefa do Estado, para evitar que mulheres que vivem a menopausa sejam vítimas de problemas no coração. O primeiro VT exibido, por exemplo, registra os batimentos de duas mulheres durante a apuração de desfile de escola de samba. "Mulher é mais emotiva, sofre mais", pontua o médico Otávio Gebara no estúdio, lembrando que também elas se afastam da prevenção em nome da estética: "Ganho de peso faz a mulher desistir de parar de fumar".

A abordagem de gênero se manifesta claramente nesta edição e indica uma ruptura com padrões de reconhecimento, já que a mulher precisa ser ensinada por homens sobre como se cuidar – inclusive sobre como o formato do seu corpo pode indicar riscos. Mais do que isso, também é evocado um padrão estereotipado sobre o comportamento feminino: o universo da mulher é tomado pela emoção, enquanto o do homem estaria menos suscetível a essa interferência.

No episódio sobre AVC essa lógica também opera, mas em direção ao saber médico, na descrição de uma fisioterapeuta que trabalha em comunidades carentes, prevenindo e tratando pacientes com risco de sofrerem AVC. "Doutora Mônica é anjo na terra, ajudando muitas pessoas", diz o apresentador, em um esforço de apresentá-la como heroína engajada, mas sobretudo feminina, por se deixar ser emotiva. Também nesse programa, o corpo doente da mulher é tomado a partir de um conceito de risco, ressaltando que a população feminina é estatisticamente mais suscetível à doença. Questões relacionadas ao *stress* emergem, sugerindo que é preciso investir em controle emocional e na saúde mental, igualmente consideradas riscos aos quais as mulheres estão mais propensas do que os homens.

A imagem da mulher doente, com seu corpo permanentemente ameaçado por doenças com

altos índices de mortalidade, surge, assim, como interesse dos discursos midiáticos, com clara influência das formações discursivas que se delineiam a partir do conceito de risco e suas tecnologias (as estatísticas, por exemplo). Essa mulher é tomada como foco do biopoder pois é força de trabalho e, também, reprodutora. Apesar disso, como veremos no próximo item, sua imagem é tensionada por um movimento de contraponto aos instrumentos de vigilância, o que faz emergir uma zona de contranarrativas e de negociações com os dispositivos da governamentalidade.

A mulher mãe

No estudo "Mediação jornalística em programa televisivo sobre saúde" (MIRANDA; SILVA, 2017), são apresentadas reflexões sobre alteridade a partir do episódio sobre parto, que também consta aqui nesta análise. Conclui-se, no texto, que o jornalista se posicionava ora como médico e ora como paciente na narrativa sobre saúde que dali emergia, acionando as certezas e as racionalidades do saber médico, mas, também, tensionando-a, ainda que em espaços mais tímidos de produção discursiva.

Essas tensões podem ser analisadas a partir do reconhecimento se nos cercarmos das discussões que esse episódio propõe e que antecederam sua veiculação e foram observadas nas reuniões de pauta. No diário de campo, registramos um intenso debate quando da concepção da pauta, em uma reunião só de mulheres, uma delas grávida.

Nesta reunião, as quatro participantes partiam de uma pauta escrita, sugestão de uma produtora, que desenhava um programa sobre mitos e verdade a respeito do parto. As discussões levaram à definição de que o episódio seria veiculado na véspera do Natal, fazendo do nascimento uma metáfora. Durante a negociação do conceito do programa, as mulheres mencionaram experiências de parto e até de confronto e negociação com o saber médico e projetaram na figura da médica pediatra Ana Escobar a melhor convidada para a edição.

Na edição, inclusive, a médica pediatra é a única mulher no estúdio. Um pediatra e um obstetra são responsáveis por ancorar o programa, que

apresenta um conjunto de quatro VTs (número acima da média do programa) relacionados ao tema. A médica fala sobre problemas do prematuro e de se antecipar o parto agendando cesáreas. Já o obstetra assume o discurso de que a mulher deve fazer suas escolhas, mas sempre seguindo a orientação médica.

Dois dos VTs revelam questões sobre o empoderamento feminino na escolha do parto: um, sobre uma mulher que fez parto normal após experiências prévias de cesárea, e o outro de mulheres que buscam na gravidez saudável uma receita para o parto humanizado. Nestes momentos, a narrativa investe na subjetivação dos cuidados como espaço de contranarrativa ao saber médico. A tensão da narrativa aflora e indica que instrumentos de vigilância e controle também são alvos de resistência, ressignificações e negociações de sentidos e que muitas mulheres negam ao outro o direito de vigiar o seu corpo.

Mas a partir de uma perspectiva de gênero também é interessante observar que a mulher empoderada, dentro de uma disputa narrativa associada a questões de reconhecimento do feminismo, é aquela cujo corpo gera uma vida – ou seja, a mulher mãe. Trata-se, ainda que dentro de uma abordagem diferenciada, se formos resgatar as imagens da mulher bela e higiênica e da mulher doente, de um estereótipo também comum nas narrativas protagonizadas pelas mulheres. Narrativa essa que considera a mulher grávida como uma mulher mais especial, o que de certa forma nega a quem não escolhe a maternidade o direito aos cuidados com o próprio corpo.

Ao mesmo tempo, o corpo grávido também pode ser tomado como um corpo pertencente ao Estado, que exige cuidados e políticas especiais, parte delas reguladas por homens. No programa, isso aparece em um VT sobre a redução de partos por cesariana em um hospital público. A noção de que o corpo de uma mulher grávida não pertence só a ela vem sendo desconstruída nas disputas por reconhecimento, em referência ao hábito de estranhos tocarem a barriga de mulheres grávidas, por exemplo.

O *status* de gestante demonstra esse paradoxo

com relação à identidade feminina, o que aparece com bastante clareza no episódio aqui analisado. Como único gênero capaz de gerar, à mulher é dado o papel de escolher como gerenciar seu corpo e sua vida – e a do embrião – durante essa gravidez. Ao mesmo tempo, no entanto, a vigilância desarticula a possibilidade de amplitude das narrativas feministas, fazendo com que o conhecimento médico surja como única força capaz de entrar em desacordo com as escolhas e subjetividades das mulheres.

Para Fraser (2007, p. 106), o não reconhecimento consiste na depreciação de uma identidade pela cultura dominante “e o conseqüente dano à subjetividade dos membros do grupo”, cuja reparação depende justamente dos modos de reivindicar o reconhecimento. “Isso, por sua vez, requer que os membros do grupo se unam a fim de remodelar sua identidade coletiva, por meio da criação de uma cultura própria auto-afirmativa” (FRASER, 2007, p. 106).

O processo de tomada de consciência das mulheres com relação aos direitos sobre o próprio corpo e escolhas da maternidade foi apresentado durante todo o processo de discussão da pauta. No entanto, a produção de uma narrativa compatível com essa resistência apresentada nos discursos internos das jornalistas não se efetivou por completo na edição, indicando como a disputa por reconhecimento é complexa e exige a ocupação de brechas e espaços de contranarrativas ou, ainda, a permanente vigilância por parte dos lugares de produção jornalística para escapar de estruturas machistas e patriarcais.

Considerações finais

Este trabalho buscou estudar como as narrativas do programa *Bem Estar* constroem as personagens femininas das suas histórias, entendendo essas representações como fruto de uma formação discursiva em que o saber médico, o biopoder e a governamentalidade indicam padrões de imagens e de representação sobre o corpo e a saúde da mulher. Nosso propósito foi pensar na base política da qual as narrativas emergem, que, com relação ao gênero, culminam

na representação de três perfis: uma mulher em busca de beleza e de padrões estéticos, uma mulher com risco de adoecimento e a mulher como corpo materno. Nos dois primeiros casos, o material empírico analisado não traz zonas de contra narrativas que permitam interlocuções com pautas identitárias, mas no terceiro caso é visível uma orientação que se vincula à pauta feminista e ao protagonismo das mulheres. Ainda assim, trata-se de uma exceção também orientada pelo saber médico, de base racional e tipicamente associada à masculinidade.

Mesmo produzido por uma maioria de mulheres e sendo feito para esse público, o programa ainda se restringe a padrões discursivos clássicos do jornalismo, como aqueles mapeados por pesquisas de Veiga (2010) como masculinos. A vigilância sobre o corpo feminino é ética e estética, originando zonas de discurso em que é possível acionar sentidos de não reconhecimento. As três imagens identificadas surgem, então, como retratos de uma sociedade que representa homens e mulheres de forma distinta, tanto no que se refere aos seus corpos, como no que diz respeito às relações de poder.

O corpo do homem, quando elemento central das narrativas, pode também ser um corpo sob vigilância feminina, mas uma vigilância quase doméstica, do zelo da mãe com o filho ou da esposa com o marido. Em outro enquadramento, o corpo da mulher aparece sempre sob a vigilância do Estado, da ciência e do saber, esses sempre associados a características masculinas. Ainda, considerando que o programa analisado é voltado para o público feminino, é possível inferir que mesmo os produtos que centralizam sua narrativa no corpo dos homens são formatados para as mulheres, reforçando esse estereótipo de que é o feminino quem zela pela saúde do masculino.

Questões sobre saúde e doença são tradicionalmente demarcadores de discussões sobre gênero, vide as grandes campanhas de saúde pública – como as tradicionais Outubro Rosa, voltada para a prevenção do câncer de mama, e Novembro Azul, voltada à prevenção do câncer de próstata. Por isso, chama-nos atenção uma

política de narrativa jornalística que parece muito mais reforçar/sedimentar sentidos já disseminados no solo cultural do que propriamente se abrir às rupturas. Talvez seja esse um processo lento, que comece a se construir em outras editorias jornalísticas ou mesmo em produtos mais alternativos e menos populares.

Consideramos que as contribuições deste estudo se somam a outras análises sobre representações de personagens mulheres nas mídias, que têm cada vez mais convergido para resultados comuns, de projeção de imagens estereotipadas, com possibilidades de emergência de contranarrativas, tal como ilustramos aqui. Estudos de recepção poderiam gerar evidências ainda mais sólidas nessa direção, com o objetivo de verificar junto ao público se os sentidos produzidos se conectam às narrativas ou navegam em sentido oposto. Há relevância e pertinência em se mapear os significados produzidos pelas mulheres diante das mensagens sobre o que fazer com seus corpos, mas a forma como as jornalistas trazem discussões sobre o feminismo à elaboração da pauta já é capaz de nos mostrar que o conflito existe.

Referências

ANDRADE, S. S. **Uma Boa Forma de ser feliz**: representações de corpo feminino na revista Boa Forma. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

CANDIOTTO, César. A Governamentalidade Política no pensamento de Foucault. **Filosofia Unisinos**, São Paulo, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2010. <https://doi.org/10.4013/fsu.2010.111.03>.

CHAUÍ, M. O discurso competente. **Blog Amiguel Costa**. [S. l.], 14 out. 2012. Disponível em:

<https://www.abimaelcosta.com.br/2012/10/o-discurso-competente-marilena-chau.html>. Acesso em: 20 fev. 2015.

COSTA, Jéssica Gustafson. **Jornalismo feminista**: estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Faculdade de Jornalismo, UFSC, Florianópolis, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASER, Nancy. Da distribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era "pós-socialista". **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 232-239, 2006. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v15i14-15p231-239>.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova**, São Paulo, n. 70 São Paulo, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-64452007000100006>.

ILLICH, I. **Nêmesis da medicina**: a expropriação da saúde. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LUPTON, Debora. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25 n. 2 p. 5-224, 2000

MIRANDA, Amanda Souza; SILVA, Gislene. Mediação jornalística em programa televisivo sobre saúde. *In*: SERELLE, M; SOARES, R. **Mediações críticas**: representações na cultura midiática. São Paulo: Eca-usp, 2017. p. 30-42.

MORAES, Fabiana; SILVA, Marcia Veiga. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUC-RS, 2019. p. 1-21.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da Narrativa**. Brasília, DF: Editora UnB, 2013.

RABINOW, Paul; ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. **Política & Trabalho**, Salvador, n. 24, p. 27-57, abr. 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n. 2, p. 71-99, jul. 2005.

VEIGA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

Amanda Souza de Miranda

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. **Pós-doutoranda na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP)**, São Paulo, SP, Brasil. Jornalista na Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Gislene Silva

Professora titular do Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil. Doutora em Ciências Sociais/ Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Gislene da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Jornalismo
Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n
Campus da Trindade, 88040970
Florianópolis, SC, Brasil

Amanda Souza de Miranda
Universidade Federal do Paraná
Superintendência de Comunicação e Marketing
Rua XV de Novembro, 1299
Centro, 80060000
Curitiba, PR, Brasil